

## “Mulheres do mar”: A construção de gênero nas *Mil e Uma Noites*

Aline Eiko Hoshino<sup>1</sup>

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Assis

**Resumo:** Esta pesquisa visa a colaborar com os estudos de gênero, por meio da análise do conto Jullanar, a Marítima, do século XIII a XIV, presente no livro *Mil e uma Noites*. Busca-se no conto perceber as representações feitas dessas mulheres árabes, no período, e o contraponto com as mulheres do Ocidente, além de refletir como essas representações de gênero chegam até os dias de hoje.

**Palavras-chave:** Gênero, Mulheres, Literatura, *Mil e uma Noites*

Estudar as “Mil e Uma noites” é apreender tudo o que é humano, é compreender como as pessoas estão inseridas no discurso de gênero que atravessa essa história. Analisar esse discurso é perceber que o gênero é uma construção social, histórica e cultural, que acaba por criar hierarquias de poder, além de pautar comportamentos masculinos e femininos.

O livro começa com um Rei chamado Sahriyar. Ele descobre que sua mulher o traía com um escravo. Em crise, ele sai pelo mundo junto com seu irmão Sahzaman, atrás de alguém mais infeliz do que ele.

Durante a caminhada de reflexão sobre a condição humana, a terra treme. E do mar sai uma coluna negra que não parava de crescer. Com medo, ambos se escondem numa árvore, e de lá verificam que se tratava de um *ifrit* (gênio)<sup>2</sup>, o qual carregava um grande baú de vidro com quatro cadeados. De lá ele retirou uma mulher que fora raptada há muito tempo, na véspera do casamento, portanto, era sua prisioneira.

O *ifrit* foi instalar-se justo embaixo da árvore em que os irmãos se encontravam, e resolveu “tirar um cochilo”. A presença dos dois é descoberta pela mulher, que os viu e, na sequência, ela obriga que os dois irmãos “transem” com ela, pois, caso contrário, ela acordaria o gênio.

Eles a obedecem, então, ela pede seus anéis e mostra uma sacola com mais noventa e oito anéis, ou seja, no total, cem homens a haviam possuído. Com os anéis, ela deixou que eles fossem embora. Sahriyar percebeu que essa mulher era mais triste que ele, já que ela teve de passar a maior parte da vida em um baú, além de pensar que as

---

<sup>1</sup> Graduanda no Curso de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>2</sup> Como as palavras “demônio” ou “diabo” não dão conta do sentido, optou-se por uma transcrição aproximada do termo árabe *ifrit*, já presente no Alcorão (27, 39), que indica criatura sobre-humana e

maligna.

*Aline Eiko Hoshino*

artimanhas das mulheres são terríveis. Decidido, ele resolve se casar com uma mulher por dia, matando-a assim que amanhecesse. Segundo ele, isso evitaria a perversidade e a perfídia da mulher.

Logo, este início do livro já apresenta as construções de gênero, percebendo-se as estruturas de poder aí criadas – o *ifrit* como uma “coluna negra que não parava de crescer”, superior ao Rei, de sorte que todos obedecem à “mulher do ifrit”; no entanto, em sua terra, o Rei tem o poder de se casar com uma mulher por dia e matá-la na manhã seguinte. Ou seja, o poder neste caso, masculiniza.

Além disso, ao longo de todas as histórias, as mulheres são apresentadas como frágeis e belas, enquanto os homens são fortes e corajosos, configurando mais um produto da construção de gênero.

No conto de Jullanar, notam-se claramente os papéis reservados aos homens e às mulheres. Jullanar era uma rainha no mar, no entanto, ela resolveu abandonar esse local. Acabou por ser capturada e foi vendida como escrava a um Rei na terra. Este se apaixonou por ela e a desposou.

Durante um ano, Jullanar não conversou com o Rei. Quando chegou o fim do ano, o rei já acreditava que sua esposa era muda, porém, um dia, ela disse que esperava um filho dele, e que este era o motivo pelo qual ela decidira conversar com ele.

Ou seja, Jullanar abandonou seu reino marítimo, abandonou sua família, mas não perdeu seu gênero. Diante da descoberta de que seria mãe, isto é, “futura rainha do lar”, “abriu o jogo”.

Após ter seu filho (Badr), muitos anos se passam e este se apaixona por uma “linda” mulher; a figura da futura esposa de Badr aparece como uma mulher forte, diferente das outras mulheres, nos outros contos, submissas aos homens.

A reviravolta desse estereótipo (mulher submissa ao homem), comum ao contexto histórico, é revelada de maneira surpreendente, quando a futura esposa de Badr, que também vivia no mar, resolve que não quer se casar com ele.

Porém, para que ela possa ser representada assim, deve-se enfrentar a representação de gênero, que exige que essa mulher tenha uma imagem diferente: e realmente ela tinha, pois possuía poderes mágicos, capazes de transformar qualquer pessoa em animal.

Na verdade, esse conto acaba por construir uma subjetividade de gênero. Além disso, observa-se que, no livro, cada mulher representa um papel, seja de “mulher boazinha”, seja de “mulher feiticeira” ou de “mulher vingativa”, quer dizer, as mulheres presentes na sociedade em qualquer tempo, tornando-se uma importante obra para se estudar.

Para nós, as representações de gênero que chegam até os dias de hoje, quer por novelas, quer por falas do cotidiano, livros ou revistas, continuam a ser propagadas, por isso se faz tão importante essa desconstrução de gênero.

Embora o livro seja uma obra de ficção, é possível trabalhar com as representações de gênero, por retratarem a realidade da época. Além disso, nele é possível perceber que as imagens estereotipadas da mulher “frágil e bela” e de homem “forte e corajoso” acabam predominando, e ainda hoje continuam.

Da mesma forma no Ocidente, na Idade Média, as mulheres também são apresentadas como “frágeis” e submissas ao homem. Além do fato de, em ambos os contextos, o poder se masculinizar na figura de um rei ou senhor feudal.

Conclui-se, conforme destacado no início, que o gênero se torna uma construção social, histórica e cultural, que acaba por criar hierarquias de poder.

Hoshino, A. (2009). “Women of the sea”: The construction of the gender on the One thousand and one nights. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2), 5-7.

**Abstract:** *This research aims to collaborate with gender studies, through the tale Jullanar, the sea woman, in the thirteenth to fourteenth in the book One Thousand and One Nights. The aim is to understand the story of the representations of muslim women and opposed to Western women. Thinking on how these representations of gender come to this day.*

**Key Words:** *Gender, Women, Literature, One thousand and one nights*

### **Referências**

- As mil e uma noites* (v.1) (2005) (M. M. Jarouche, trad.). São Paulo: Globo.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Paulson, S. (2002). Sexo e gênero através das culturas. In M. Adelman & C. B. Silvestrin (orgs.). *Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR.
- Scott, J. (1991). História das mulheres. In P. Burke. *A escrita da história*. São Paulo: Editora UNESP.
- Sharpe, J. (1991). A história vista de baixo. In P. Burke. *A escrita da história*. São Paulo: Editora UNESP.
- Saffioti, H. I. B. (2001, Agosto). Contribuições femininas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*. São Paulo.
- Said, E. (1990). *Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.

*Recebido: 09 de outubro de 2009.*

*Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*